



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOANNA BURIGO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-578

Entrevistada: Joanna Burigo

Nascimento: 29/04/1979

Local da entrevista: Padaria Mercopan em Poro Alegre

Entrevistadoras: Luiza Aguiar dos Anjos, Suellen dos Santos Ramos e Adriana Zimmermann

Data da entrevista: 07/07/2015

Transcrição: Suellen Ramos

Copidesque: Johanna Ermacovich Coelho

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 06 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 23

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Futebol como linguagem; Guerreiras Project; Objetivos do projeto; Prática das propostas; Contatos no exterior; Reuniões; Importância do Guerreiras Project na sua vida; Resultados encontrados; Parceiros e financiadores; Homens e mulheres no projeto; Os feminismos; Religião e feminismo; Pautas sociais .

Porto Alegre, 07 de julho de 2015. Entrevista com Joanna Burigo a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos, Suellen dos Santos Ramos e Adriana Zimmermann para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Eu gostaria de começar entendendo um pouco sobre você. Fala um pouco da sua formação e seu envolvimento com o futebol.

J.B. – Eu já vou começar dizendo que meu envolvimento com o futebol é bem tangencial. Ele não é necessariamente ligado a eu praticar o esporte. Como eu falei para vocês antes do microfone ser ligado eu não sou esportista, acho que eu sou a única pessoa do Guerreiras Project¹ que não é esportista. A minha história pessoal é de comunicação social e educação, sempre trabalhei com marketing em escolas, fazendo marketing e dando aula, mas sempre... As empresas que eu ia trabalhar sempre eram de educação de alguma forma, fazendo marketing, quando eu migrei para dar aula eu dava aula de marketing em escola, então sempre foi comunicação social e educação. A minha graduação é de publicidade e propaganda aqui em Porto Alegre na PUC², eu trabalhei muito tempo com agência aqui no Brasil. No Brasil eu trabalhei em agência, em produtora, fundei uma agência na minha cidade natal, sempre ligado nesse universo e depois eu fui morar em Londres onde eu fiquei oito anos e lá eu virei... Eu não virei, eu encontrei o discurso feminista, não que não existisse no Brasil, mas por algum motivo nunca tinha cruzado o meu caminho com o discurso feminista no Brasil e foi na Inglaterra que isto aconteceu e eu entendi que esta paixão por comunicação e educação faltava para eu complementar ela, faltava uma temática apaixonante, e em gênero eu encontrei esta temática. Nestes últimos oito anos o que eu venho fazendo é um pouco isto, tentando juntar esta experiência em comunicação social e marketing que eu tenho, que eu nunca gostei muito de fazer, porque eu nunca gostei muito de o marketing ser o braço do capital, então sempre foi muito tensa essa minha relação com o marketing, por isso que eu fui parar na educação. Então a junção destas três coisas me colocou em um lugar que eu vi, bom, eu tenho conhecimento de fazer comunicação social, eu gosto muito da didática de transformar essas informações em aula e agora achei um discurso, que é o discurso de gênero que meio que costura essas

¹ Coletivo que tem como objetivo o empoderamento de mulheres por meio do futebol. Reúne ativistas, intelectuais e artistas

² Pontifícia Universidade Católica.

habilidades e foi aí que eu fui parar no Guerreiras. Então eu conheci a Caitlin Fisher³ que é a fundadora do Guerreiras, a história dela é sempre indissociável da história do Projeto, porque é um Projeto muito de narrativas pessoais de jogadoras. Eu conheci a Caitlin no mestrado que eu fiz em Gênero, Mídia e Cultura. Ela havia feito o mestrado no mesmo instituto que é o Instituto de Gênero na London School of Economics em Londres, ela fez um ano antes em gênero e desenvolvimento e ela foi apresentar uma palestra com umas ideias loucas que ela tinha em uma conferência que eu estava e eu ouvi: “gênero e Brasil.” Eu meio que não ouvi futebol, eu falei: “Opa, gênero e Brasil, vou conversar com essa menina, vou ver o que ela tem a dizer”. Quando nós sentamos para conversar ela me falou de todas as narrativas que ela já tinha, porque o projeto começou aqui no Brasil informalmente em 2004, quando ela veio dos Estados Unidos para jogar aqui. E ela sendo americana, em um contexto onde o futebol é... Não salarialmente, já saiu uma pesquisa esta semana que os salários das jogadoras de futebol, *soccer*, nos Estados Unidos ainda é quarenta vezes menor do que o dos homens embora elas sejam muito mais populares do que eles e ter acabado de ganhar a Copa⁴. Então a Caitlin veio para cá... Mas mesmo assim é Estados Unidos, primeiro mundo, então, ela tinha uniforme, treinador, essas coisas básicas que nunca ocorreu a ela que não teria no Brasil. Chegando aqui ela viu que a situação das meninas era *fudida*, com perdão do meu francês; a situação era horrorosa e aquilo chocou muito, porque ela imaginou que estava vindo para o país do futebol e ia ser recebida com toda pompa e circunstância. E aqui ela tinha que ir a pé para o treinamento para usar o vestiário dos meninos com o uniforme velho deles porque elas não tinham investimento nenhum. Aquilo para uma pessoa que foi acostumada a vida inteira a ter privilégios que só nos Estados Unidos mulher que joga futebol tem, na Suécia talvez, sabe? Ela levou um susto e decidiu conversar sobre isto com as jogadoras e se deu conta que todo mundo dizia muito: “Mas é assim mesmo.” Esse era o discurso público, mas na conversa privada era tipo: “Que palhaçada é essa?” E ela decidiu fazer essa ponte. Ela não sabia muito bem como fazer e quando eu a conheci, ela tinha uma série de entrevistas registradas que estão até hoje no site do Guerreiras, algumas em vídeo, algumas em voz, algumas só com fotografias e textos. Elas começavam a contar uma mesma história. Quando eu conheci a Caitlin, era neste lugar que ela: “Está vendo como as histórias são sempre as mesmas?” Eu falei: “Gata, você está vendo como isso é feminista?” É exatamente isto, o

³ Caitlin Davis Fisher.

⁴ Copa do Mundo de Futebol Feminino do Canadá realizada em 2015.

feminismo é a gente falar em público dos problemas que fomos ensinadas a achar que eram individuais que, na verdade, são totalmente sociais. Dentro do Guerreiras nós começamos a perceber o caso clássico de coletivo feminista, percebemos que só de criar o espaço para que essa reclamação pudesse acontecer já era empoderador e a partir daí novas iniciativas iam surgindo e o Guerreiras foi crescendo um pouco deste jeito. Nós sabendo que mesmo sem ter muita estratégia, mesmo sem ter muita diretriz para o projeto, só a existência do espaço já era um instrumento de empoderamento. Foi assim que começamos a ver o Guerreiras e foi assim que eu entrei. Então, quando eu entrei a Caitlin tinha essas ideias todas e eu pensei: “Bom, agora com essa comunicação social e esse marketing quem sabe a gente empacota esse projeto de uma forma a transformar em algo que a gente possa replicar fora desse contexto só das jogadoras.” E foi o que acabou acontecendo, tanto que nós estamos aqui agora fazendo justamente isto. Foi assim que eu entrei no projeto, foi uma... Eu tinha essa urgência de aplicar esse conhecimento de comunicação social e de educação em algum projeto de gênero e o Guerreiras caiu no meu colo, foi uma coisa espetacular o que aconteceu. A Caitlin chegou, nós nos olhamos, *let's talk* e viramos melhores amigas. Uma série de coisas que foi legal de acontecer e é por isso que nesse processo todo nós começamos a nos dar conta do que começamos a chamar de hipocrisia eu estar envolvida. Mas nos demos conta de que não é hipócrita coisa nenhuma, na verdade, é justamente esse o poder do futebol: que a pessoa que não joga, que não tem essa vivência, que não tem essa experiência, consegue com a linguagem do futebol ter uma conversa de gênero com outras pessoas. A minha postura dentro do Guerreiras é - essa palavra vai soar um pouco errada mas não é - eu me aproprio do discurso para criar uma conversa que eu quero. O futebol para mim é uma linguagem. Eu sei que para vocês tem outra história, para Caitlin tem outra relação, para as jogadoras tem outra, mas eu como comunicação do Guerreiras que foi o papel que eu sempre cumpri, é uma linguagem. É uma linguagem que eu acho super útil porque todo mundo gosta de futebol, mesmo que não goste de futebol [risos]. É igual a pizza, não tem... Não é um assunto que necessariamente desafia as pessoas, então, é muito legal para gente usar esse assunto que todo mundo acha *ligh* para desafiar. Isso é o grande barato do Guerreiras. Faz sentido?

L.A. – Sim. E me conta um pouco mais deste momento inicial, quando você encontrou a Caitlin, era basicamente ela e um conjunto de entrevistas ou já havia outras pessoas envolvidas?

J.B. – Já haviam outras pessoas, as três peças fundamentais da formação do Guerreiras como uma ideia concreta que são a Caitlin Fischer, a Aline Pellegrino que foi capitã da seleção - nesse grupo ela dispensa apresentação, deveria dispensar apresentação em tudo quanto é lugar - e a Adrienne Grunwaldt que também é jogadora de futebol, é americana também. Ela e a Caitlin foram colegas de faculdade e ela é fotografa, então, as fotos iniciais foram todas a Adrian que fez. A Aline coordenou as entrevistas com todo mundo e a entrevista principal é a dela, a que virou vídeo, da Aline. Quando eu conheci a Caitlin, a Aline estava no Brasil, a Adrian estava nos Estados Unidos; eu e a Adrian nunca nos vimos pessoalmente, bizarro, tem várias pessoas do Guerreiras que nunca se viram pessoalmente; acabamos virando um coletivo *online* e o que elas tinham era o seguinte: a Caitlin tinha uma apresentação de *Power Point*, eu sei que vocês estão investigando as origens, não é uma coisa que eu falaria para um público que está comprando o Guerreiras necessariamente, mas para pesquisadora é diferente. Ela tinha uma apresentação de *Power Point*, com uma série de desenhos feitos a mão, e estava na cara que era tudo... Que ela havia conseguido ir até um pedaço do caminho com aquilo, eu não falo isso em detrimento do intelecto da Caitlin, realmente precisava de outros eixos para complementar o projeto, que também não fui eu que cedi todos eles. Eu encontrei outros e fomos acoplando pessoas para complementar o que ela tinha era assim: um mapa do Brasil, era bem assim o *Power Point*, um mapa do Brasil, um campo de futebol em cima, todos os problemas de gênero listados em baixo, e as mulheres desenhadas. Sabe boneca palito? E as mulheres desenhadas em cima. E o que ela queria dizer era isso que o que nós enxergamos necessariamente não é o que está dando base para aquele preconceito. O que acabou virando a linha teórica do Guerreiras. Nós usamos o campo como... Como a ideia é usar o futebol como linguagem, nós usamos o campo como metáfora espacial para dizer que o que você vê não é necessariamente o que está causando a discriminação, é o que está em baixo do campo. Então ficou... É alegórico assim, não está ali, não tem raiz nenhuma para nós pegarmos no chão, mas usamos essa alegoria da grama, da raiz, do embaixo, do em cima e do que é possível de ver e o que é possível de não ver com isso. Era isso que ela estava tentando dizer, foi isso que eu entendi que ela estava tentando dizer, só que não era isso que estava dito. E foi justamente quando eu falei isso para ela que ela falou: *Yes!* E foi daí que nós falamos: “Então vamos sentar e vamos tentar articular todas as ideias que tivemos e colocar em uma matriz, em uma tabela”. Foi essa nossa primeira interação.

Nessa primeira interação a Caitlin sentou... Isso foi nessa conferência, mas era uma conferência havia outras pessoas, tinham outros... Marcamos de tomar um café uma semana depois, passamos quatro horas, ela me falando tudo que tinha acontecido... Isso foi de 2004 até 2010. Foi ela ter vindo para o Brasil, ela ter voltado para Suécia, a Aline ter entrado em contato, ela mesmo sem o projeto existir com um nome tendo mantido contato através da ideia do Guerreiras. Então ela foi me contando tudo isso e fomos anotando e ela foi me falando coisa que ela e a Marisa Brown que é outra pesquisadora que está com a gente desde o começo. Estudou com a Caitlin, jogaram juntas no Paraguai, uma série de outros projetos em conjunto. Começamos a fazer essas anotações, uma tabelinha e diz: “A Marisa foi para África e fez uma intervenção do Guerreiras através de um outro projeto”. Ela trabalhava no Football... era voluntária nesse outro projeto que também usava o futebol como um instrumento de integração social. Mas ela foi e fez um *workshop* do Guerreiras nesse espaço, neste acampamento, eles permitiram que ela usasse algumas ideias do Guerreiras. E a Caitlin começou a me falar das entrevistas, começou a falar desse *workshop* que a Marisa fez, começou a falar de meia dúzia de conversas que ela teve com as gurias, e nós começamos a pensar: “Quem sabe nós desenvolvemos duas linhas do Guerreiras? Uma mais didática na qual a gente cria workshops e faz eventos com comunidade, com mulheres, enfim, sem muita definição no primeiro momento e outra que é a nossa participação em eventos, com imagens, com foto, com palestras, com *workshop* pequeno. Usando essa didática, como que podemos espalhar este conhecimento?” Fizemos essa primeira tabela inicial, essa tabela era uma bagunça, não é como está hoje. Era a primeira vez que estávamos nos encontrando, mas dali surgiu o que eu acho que é o coração do Guerreiras, que é ainda é uma ideia que chama “*See, Think, Wonder*” que é o “Veja, Pense e Questione”, que é a linha através da qual nós costuramos todas as nossas entregas, seja em um workshop, seja em uma palestra, seja em uma exibição, seja em uma entrevista, seja o que for, tudo parte dessa linha inicial. Então do que se trata essa linha? Isso claro, estou resumindo para vocês o que aconteceu malucamente durante anos. Mas o que é essa linha? Ela faz justamente isso que a gente considera importante que é saber se apropriar didaticamente dessa linguagem do futebol. Então quando a gente fala “*See, Think, Wonder*” “Veja, Pense e Questione” a gente tem que mostrar alguma coisa, certo? O que nós mostramos é pontual, mostramos geralmente em um workshop. Por exemplo,

mostramos as fotos dos Guerreiras, tu já participou do workshop sabe como é. Mostramos as imagens, aí tem o Neymar⁵ levantando uma taça do Campeonato Brasileiro e a Aline levantando a mesma taça, no mesmo estádio, do mesmo campeonato. Está ali a foto, veja. As pessoas veem e nós não falamos nada, o Guerreiras fala pouquíssimo... Nós mostramos a foto e damos a dica: “*See, Think Wonder.*” A pessoa imediatamente depois de ver, ela pensa “Tem alguma coisa errada com essa imagem.” E ela se questiona: “Por que tem menos fotógrafos na foto da Aline do que na do Neymar?” E a partir daí que a conversa começa. Então o “*See, Think Wonder*” é a linha... Não é uma metodologia, não é um método didático formalizado, mas é o que guia todas as nossas interações com as pessoas. Faz sentido, não é? Então a partir de agora no final de julho vamos retomar... Até estou super feliz por estar falando isto para vocês porque pode ser uma coisa que a gente continue conversando a respeito, queremos formalizar esta metodologia. É uma coisa que estamos tentando fazer com a Silvana⁶ faz um tempo, estamos meio sem saber como levar isso a diante. No começo deste ano falei com alguns acadêmicos de alguns lugares do mundo e pedi socorro. A partir de julho ou agosto quero retomar este projeto e eu quero transformar em um kit mesmo, que possamos vender para o MEC⁷, para as escolas, não sei exatamente. Mas angariamos alguns acadêmicos da Universidade de Brighton, da USP⁸, a Silvana aqui em Porto Alegre... Quero ver se coordenamos essas pessoas para nos darem uma luz de como transformar esta metodologia em algo que possa ser replicado sem estarmos presentes. Que a ideia toda, que a nossa pesquisa toda entre ali e vire um instrumento útil para um professor de Educação Física, para professores de Gênero, não sei exatamente para que direção isso vai, mas esta é a minha visão... Que exista do Guerreiras workshop um material que você lendo, você sabe tudo, talvez você precise um treinamento comigo, mas a ideia é que não precise, que seja realmente um “be-a-bá”... E a gente se utiliza do futebol para falar sobre este assunto “medonho” de ideologia de gênero. Que as escolas não querem que se fale a respeito e talvez que se a gente disfarçar com futebol eles nos aceitem.

L.A. – Se você conseguisse elaborar de forma bastante sucinta qual o objetivo do projeto, como você elencaria?

⁵ Neymar da Silva Santos Júnior.

⁶ Silvana Vilodre Goellner.

⁷ Ministério da Educação.

⁸ Universidade de São Paulo;

J.B. – Nosso objetivo... A nossa visão é sempre utópica, porque da utopia é igual ao horizonte, a gente vai andando em direção a ela mas nunca chega. Mas a nossa visão é erradicar a diferença de gênero, ou desigualdade... Diferença não porque é impossível, mas desigualdade. Sabemos que sozinhas não vamos conseguir fazer isso, então, a nossa missão, nosso objetivo é através da linguagem do futebol achar cada vez mais instrumentos de acesso a esse discurso porque o que a gente percebe... Nós que somos feministas faz um tempo, imagino que vocês sejam também, no momento que tu profere a palavra feminismo as pessoas se fecham, as pessoas não estão mais interessadas: “Lá vem a chata falar de gênero”, *history of my life*, é assim que a gente vive, imagino que com vocês não seja muito diferente. Com o Guerreiras nós demos conta que isto não existe, que isto não acontece, todo mundo gosta de futebol, então, o nosso objetivo é ampliar este conhecimento para que o maior número de pessoas tenha acesso. Essa é a grande dificuldade do projeto, capitalizar isto é difícil, capitalizar um conhecimento sem vendê-lo é uma coisa complicada. Ainda estamos tentando entender como que vamos inserir este produto em um contexto capitalista quando o nosso interesse é de outra ordem. Nosso interesse não é enriquecer, nosso interesse é de que as pessoas realmente se sintam... Que eu tenha uma conversa com uma pessoa que obtenha o kit e ela não precise perder dez anos gastando feminismo à toa que nem eu perdi. A gente sempre fala que o trabalho maior da feminista é se tornar irrelevante. Com o Guerreiras é a mesma coisa, o nosso apego não é a marca, nosso apego não é marcar na história, nosso apego é que as pessoas saibam disso, que elas se virem e que se o Guerreiras puder ajudar uma pessoas a resolver uma situação de preconceito... Então o objetivo é um pouco este, quanto mais engajamento, quanto mais gente nós conseguirmos tocar através do projeto, quanto mais organizado for essa entrega, mais eficiente a gente acha que esse discurso vai rolar, mais eficientemente esse discurso vai rolar, então o objetivo é esse.

L.A. – A partir do momento que vocês constituíram essa proposta educativa a partir das oficinas e das palestras, como isto se fez em termos de aplicação prática? Como isso chegou a acontecer e em que lugares do mundo isso começou a acontecer?

J.B. – Hoje em dia eu tenho três braços fortes do Guerreiras que já aconteceram de forma fundível. Um é a pesquisa e a gente continua fazendo dessa forma que eu falei para vocês,

em contato com outros acadêmicos. A Caitlin publica *papers* em algumas revistas, participa de conferências, mas isto sempre muito dentro da linguagem acadêmica. Como nós temos mestrado, como nós temos essa pegada acadêmica, nós temos essa entrada. A maioria dos projetos sociais que nós conhecemos são bem ativismos mesmo, bem *underground*; o Guerreiras tem essa ponte com a academia que eu acho legal, então, essa sempre foi a parte mais fácil porque as pessoas que participam do projeto tem esse interesse, isso é uma coisa. O outro braço são as palestras e as exposições que não são necessariamente em eventos acadêmicos. Vão acontecer no Museu do Futebol, na abertura da Copa, na Fan Fest da FIFA, na embaixada em Berlin, em Trinidad e Tobago, estou falando de coisas que realmente aconteceram. Nós estivemos na Fan Fest aqui em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e em São Paulo ano passado, uma exibição. Em Trinidad e Tobago eram eventos com esporte e desenvolvimento que a Caitlin foi apresentar nossas fotos; em Berlin na Embaixada do Brasil na época da Copa de Futebol Feminino em 2011, a embaixada brasileira cedeu uma sala para nós fazermos esta exposição, então é sempre muito... Nós vamos atrás de quem queira nos dar o espaço e tem uma exibição pronta para montar; é a mesma coisa se tem uma conferência sobre esporte e juventude, mulher e desenvolvimento, e alguém sabe da gente e vamos lá... Tem uma apresentação que eu sempre falo, uma representação midiática das mulheres, então, nós passamos pelos ícones da Copa, os ícones não, como chama? Os bonequinhos, o Fuleco⁹ e a Shuême¹⁰. A partir dali nós falamos de representação de gênero, porque o Fuleco está todo ativo e a Shuême está bonitinha... Nós temos algumas coisas prontas para exposições e apresentações, mas o que... Nenhuma delas, tanto a acadêmica quanto as exposições, nós fazemos tudo no *love*, nunca ganhamos um centavo para fazer isto. A única operação que movimentou dinheiro, que nós conseguimos fazer uma coisa que queríamos, que é profissionalizar as jogadoras e pagá-las foram os *workshops*. Os *workshops* são assim: nós geralmente estamos sempre atrás de bolsas e fundos de investimento. Por exemplo, a Coca-Cola, a Avon que todo ano fornece 150 mil reais para “x” projetos que estão trabalhando com mulheres... Então todos os workshops até agora foram feitos desta forma, nós temos que contar com a pré-existência de um fundo que está disposta a patrocinar o tipo de coisa que nós fazemos. Então super lucra. Vamos continuar fazendo até porque hoje em dia nós fazemos com a mão nas costas, já fizemos tanto que não tem mais muita dificuldade. Mas a ideia de

⁹ Mascote da Copa do Mundo de futebol dos homens do Brasil em 2014.

¹⁰ Mascote da Copa do Mundo de futebol das mulheres do Canadá em 2015.

transformar este material didático em algo mais tangível é justamente para poder replicar isto, para que nós não tenhamos toda vez que esperar a dona Avon tenha uma vontade de patrocinar um projeto social. Sempre foi assim. A Avon foi o nosso maior patrocinador até hoje em termos de volume de dinheiro, mas já teve a embaixada americana, já teve... Foram tantos que eu não vou me lembrar, mas eu posso passar para vocês se quiserem.

L.A. – Você citou a embaixada americana, falou de uma ação em Trinidad e Tobago. Como foram feitos estes contatos mundo à fora?

J.B. – Rede. A Caitlin, a Marisa, o Mário¹¹ que trabalha coma gente também, quem mais? A Silvana. Todas estas pessoas são muito envolvidas em esporte e desenvolvimento, sempre estiveram, então, o que nós temos, é rede mesmo, nós temos acesso ao sites onde vão ser divulgadas este tipo de coisas. De vez em quando alguém vem e nos aborda, isto já aconteceu, nós simplesmente estamos ali existindo e alguém acha legal em nos patrocinar por alguma coisa com algo do tipo: “Esta ideia é massa e nós temos essa grana e queremos dar para vocês”. A gente sempre diz sim. Nunca é muito, o máximo que eu e a Caitlin recebemos foram viagens para o exterior com tudo pago para dar uma conferência, é muito raro isto acontecer e é muito baixo. Quando se trata de volume grande, de pagar as embaixadoras¹² nós temos que correr atrás, mas é tudo rede, todos nós estamos envolvidas em projetos sociais de uma forma ou outra, ou tem outras coisas que acontecem, então acaba vindo. Tem as amigas feministas que falam: “Essa bolsa é a cara de vocês”, é assim que vem ocorrendo, e por isso que em 2015 resolvemos ser um pouco mais estratégicas, porque estamos cansados em trabalhar de graça. Tudo muito legal, tudo muito bacana, mas eu preciso pagar essa quiche, não tem jeito. Estamos querendo ser um pouco mais estratégicas e transformar isso em um produto mesmo que possamos vender, por isso que é essa a diretriz que estamos tomando. Muito massa, muito bacana mas se não tem ninguém disposto a oferecer uma bolsa o Guerreiras fica em *stand by*.

L.A. – Em algum momento você falou que a sua função dentro do Guerreiras seria ligada a comunicação. Você poderia falar um pouco mais a respeito disso?

¹¹ Mário Guimarães Offenburger.

¹² Nome conferido as jogadoras que fazem as oficinas do Guerreiras Project.

J.B. – A maneira como a gente se descreve é assim: um coletivo de atletas, acadêmicas, ativistas e artistas que usam o futebol como um instrumento para abrir diálogo de gênero. Essa é a *tagline* do projeto. Nós nunca tivemos uma estrutura formal, o Guerreiras nunca teve escritório; o máximo que nós temos é um site, é a única coisa que congrega todos os pontos de adesão do Guerreiras. Todo mundo que trabalhou no projeto, isso é uma coisa que sempre foi muito importante para mim e para Caitlin, todo mundo que trabalhou sempre... A gente vinha, apresentava uma ideia e a pessoa nos dizia com o que ela poderia contribuir. Eu trabalhei em comunicação... Eu digo que trabalhei em comunicação no Guerreiras na verdade mais para continuar consistente com a minha narrativa pessoal do que com qualquer outra coisa porque eu venho da comunicação. Mas eu fiz outras coisas, todo mundo fez um pouco de tudo no Guerreiras. O que nós estamos fazendo agora é tentar organizar, mantendo esse voluntariado, mantendo esta estrutura informal, estamos tentando definir alguns papéis básicos que estamos vendo... Eu digo comunicação mas eu não cuido nem do site nem da página do Facebook, percebe? Então não é muito comunicação, é mais para ficar coeso com a minha narrativa pessoal do que qualquer outra coisa; a mesma coisa com a Caitlin, ela já fez site e eu já escrevi coisas sobre esporte. O que estamos tentando fazer agora é isso. Mas assim, todo mundo que trabalhou conosco até agora, acabou oferecendo, porque nós abrimos esse modo de trabalho; todo mundo que ofereceu alguma coisa tende a oferecer o que já fazia antes, nesse sentido a Marisa sempre está envolvida com escrever, com pesquisa, porque é uma coisa que vem naturalmente para ela, então, não adianta nós colocarmos a Marisa para fazer um workshop. Ela vai ser ótima assim como eu vou ser e assim como a Caitlin vai ser, mas nós usamos muito melhor os recursos dela se ela está escrevendo uma proposta porque ela faz isto vinte vezes mais rápido que eu. Então, quando eu falo que eu faço comunicação para o Guerreiras, o que eu estou fazendo... Durante um tempo eu cuidei da página, durante um tempo eu cuidei do site, eu fui a pessoas que insistiu que nós tivéssemos um site, que insistiu para que tivéssemos uma página no Facebook, mas eu não estou lá cuidando necessariamente. O que estou fazendo agora é isso, eu saí um pouco da operação do dia-a-dia, eu encontro elas uma vez por semana, toda terça-feira a tarde a gente fala com todo mundo; toda terça-feira a tarde passamos quase a tarde inteira juntos e eu estou fazendo isso... Se nós precisamos da página do Facebook precisamos achar alguém dentro do nosso projeto que tenha essa disposição, afinal de contas nós não temos dinheiro. Então o que eu estou fazendo agora mais é *manager* dentro do Guerreiras; estou trabalhando mais neste momento como

consultora de comunicação do que qualquer outra coisa, e comunicação não só externa, entre a equipe. Eu e a Caitlin, desde janeiro, é nesse nível que estamos nos relacionando, uma vez por semana por Skype. Agora tem esse projeto em Berlim, por que eu não vou? Porque vamos mandar a Pamela¹³ no lugar? Porque não tem nada a ver eu ir, eu não jogo. Que pessoas que podem se beneficiar mais? Já que não temos dinheiro, como vamos fazer o melhor uso dos recursos que nós temos? Hoje é isso que eu faço no Guerreiras. Eu estou atrás de alguém para cuidar do site, estou atrás de alguém para cuidar... Mas não sou eu que estou fazendo necessariamente. Faz sentido?

L.A. – Sim. E esta reunião de terça-feira, quem é a equipe que se reúne semanalmente? É via Skype? Pois me parece que estão todos espalhados.

J.B. – Isto é super importante. Na verdade é constitutivo do projeto, nós sempre estivemos espalhados. Se eu e a Caitlin passamos dois meses inteiros juntas é muito, juntas fisicamente. A história do Guerreiras é estar cada um em um canto, todas as nossas operações são feitas através de redes sociais. Vou abrir um parágrafo aqui, tanto que o projeto que eu estou trabalhando agora que é a Casa da Mãe Joanna, que eu vou pedir para vocês disponibilizarem essa pesquisa lá depois, mas aí eu explico melhor. O projeto é bem assim, já surgiu com esse conhecimento do Guerreiras, feminismo *online*, é assim que funciona, é assim que a gente se comunica. Eu criei toda uma estrutura à *posteriore* dos meus dilemas com o Guerreiras e a Casa da Mãe Joanna está fluindo muito mais fácil do que o Guerreiras fluiu nesses últimos cinco anos e agora esse conhecimento está voltando para o Guerreiras. Então é sim por Skype. Nós conseguimos identificar quatro pessoas que somos eu, a Caitlin, a Marisa e o Mário Offenburger, que é brasileiro e acho que é o único homem ativo mesmo no projeto, teve o James¹⁴, mas o James sempre foi um pouco perdido, o Mário realmente pega junto. Por que esses quatro? A Caitlin é indispensável porque a ideia surgiu da cabeça louca dela, maravilhosa, loira, linda, completamente maluca. E, meu Deus do céu que mulher! Ela é instrumento fundamental porque quem teve essa sacada de que a história era importante foi ela, então a história dela é sempre muito indissociável do projeto. A Marisa porque ela é pesquisadora e ela tem um poder de síntese muito bom. Eu gosto muito de fazer reunião com a Marisa porque ela sempre termina a

¹³ Pamela Siqueira Joras.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

reunião e ela faz a ata no final e ela pegou só as palavras chaves de tudo, maravilhosa. O Mário, porque ele é um espetáculo de fazer as coisas acontecerem, põe essa mesa na mão dele e tu diz para transformar em um armário, vai virar um armário embutido, ele é daquelas pessoas... E eu que estou coordenando esse time para dar essa virada de *management*. Nós nos encontramos uma vez por semana, por Skype desde janeiro e é a primeira vez que conseguimos ter uma coisa com tal regularidade, 2015 marca uma virada estratégica. O Guerreiras não vai mudar de cara, não vai mudar de logo, mas internamente nós estamos começando a nos entender de outra forma, menos com aquele coletivo feminista com uma boa ideia e mais “ok”, essa fase passou e *now what?* Estou com machado na mão vamos quebrar o patriarcado? Para que direção nós vamos? Mais ou menos assim que estamos agora. Por Skype, uma vez por semana, os quatro trazem os assuntos para mesa e nós começamos a separar o que é... Que coisa que rola sempre, o que pode ser tocado como projeto, o que vai precisar de recursos pontuais, o que podemos resolver nós mesmos, o que eu vou ter que achar dentro das quase duzentas pessoas que estão envolvidas no Guerreiras, essa habilidade. É mais ou menos assim que estamos querendo transformar esta ideia em um coletivo que opera tocando projeto. É uma mudança de *business*, de *management* mesmo. Desculpa, eu falo muita coisa em inglês, é uma merda... Não é de propósito. É uma mudança de gerência, sabe? Digamos de virar uma maneira... Estamos nos percebendo como atuante daquele projeto de outra forma. Éramos um bando de idealistas e continuando sendo, mas com um pouquinho mais de maturidade agora. É o que queremos que o projeto alcance.

L.A. – Em termos pessoais, o que você acha que o Guerreiras trouxe para você?

J.B. – *Oh my God! Everything!* Tudo. O Guerreiras é parte da minha fábrica, é parte da minha pele. O Guerreiras... Como eu falei para vocês, quando eu conheci a Caitlin ela falou “gênero e Brasil” e eu vi além de uma necessidade de um projeto de comunicação. Então o Guerreiras, para mim pessoalmente, ele fechou... E foi a partir dele que eu consegui direcionar a minha carreira profissional. Eu odiava trabalhar com marketing, mas eu adorava o processo de comunicação, eu adorava dar aula, mas não queria dar aula de marketing. Então eu estava sempre [palavra inaudível]...Até encontrar o Guerreiras, até encontrar esse mestrado em gênero que me forneceu o conhecimento e o Guerreiras que me ofereceu a oportunidade de colocar todas as minhas habilidades em prática, eu era bem

perdida na vida, não era... Não perdida nas drogas, no crack, não era isso. Eu trabalhava, me virava, mas sempre com aquela coisinha: “Não é isso, não é isso!” O Guerreiras foi tipo: “Agora eu sei o que fazer.” Então para mim foi isso, tanto que a partir do Guerreiras veio a Casa da Mãe Joanna que é onde eu estou trabalhando agora e minha vida faz tipo... Faz super sentido para mim profissionalmente. Finalmente as habilidades que eu adquiri antes de ser feminista podem ser usadas para o feminismo de forma eficiente e não combativa. Tu olha a minha cara, tu nunca vai me ver de peito de fora batendo panela. Não é o meu feminismo, com todo respeito com quem faz, massa! O Guerreiras resolveu isto para mim, criou uma camada profissional entre a minha habilidade e a minha ideologia que não existia, que ali a vida virou. Me arrepiei agora, curti falar sobre isto [risos].

L.A. – Em termos de resultado para os outros, o que você conseguiu observar de retornos nesses lugares em que vocês foram dar oficinas?

J.B. – O impacto ele é bem... Nós sempre tivemos uma dificuldade muito grande no Guerreiras que é medir esse impacto. Como nós operamos com bolsas, sempre a última questão é: “Como você vai provar que esse dinheiro seja bem investido?” Eu não sei porque eu não estou distribuindo leite para criança, não tem uma métrica do que o Guerreiras faz. Ela faz a discussão, nossa mudança está no dissídio social, está em como as pessoas se relacionam. É sempre muito difícil de mensurar esse impacto, mas o *feedback* que recebemos das pessoas é exatamente o mesmo, seja se for uma menina de cinco anos da favela, ou um acadêmico, branco, homem, cis, cristão de setenta anos. É exatamente o mesmo! E é tipo: “Eu nunca havia pensado nisto assim.” E é aí que o futebol entra como linguagem. Entende? Então a pessoa que está acostumada... É sempre difícil dar essa resposta porque ela exige um contexto prévio, que é aquele que eu falei para vocês no começo da entrevista, quando as pessoas forem falar de gênero, de feminismo, de contexto social... [expressão de espanto]. As pessoas não gostam de falar sobre isto, é desconfortável. Quem trabalha com projeto social sabe que é sempre o chato no almoço da família, que é sempre o chato, sempre o chato... Então o *feedback* é sempre esse, o *workshop* é divertido, a menina se dá conta de que o irmãozinho dela não lava a louça mas ela lava, só que ela não está com raiva, ela está pegando um autógrafo da Aline e dizendo: “Posso ser assim também, não preciso lavar a louça.” É sempre assim: velho, cristão, cis, branco de setenta anos que acham que as mulheres estão reclamando de mais, vai ver a

palestra da Shuême e do Fuleco e vão fazer a brincadeira que a Shuême está bonitinha e o Fuleco está todo não sei o quê... Então mostrar imagens de mulheres que o cara vai olhar para mim e vai dizer: “Eu nunca havia pensado nisto, dessa forma.” Para mim esta é a lógica do Guerreiras, esta é a magia. Existe um pó de pirlimpimpim ali, que é a linguagem do futebol, não é magia é a linguagem do futebol, e a reação é esta. Acho que o impacto é difícil de mensurar, mas o *feedback* é constante, ele é consistente. Seja em uma palestra ou em uma exibição, sempre tem alguém que volta e fala: “Eu vi isto de forma diferente”. Por isto que esta linha metodológica, por mais que não tenhamos ela formalizada, ela é tão importante como um guia para gente. Que realmente isto acontece, a gente mostra a pessoa pensa, questiona e diz: “Olha só...”

L.A. – Você sente alguma diferença encontra nas pessoas de um país para o outro que vocês fizeram oficina, de uma região para outra, de um grupo para o outro?

J.B. – Nós encontramos... Assim, isso é antes e depois do Guerreiras. Essa diferença de contexto não importa... Se você entrar falando: “Eu sou feminista!” o contexto sempre vai ser variado porque os tipos de eixos de opressão que impactam a vida das pessoas sempre vão ser diferentes de país para país. Por exemplo, na Inglaterra que foi onde eu morei oito anos, foi lá que eu me vi feminista porque eu era... O machismo no Brasil foi... Eu cresci no Brasil, o machismo como ele opera no Brasil, como eu cresci neste contexto eu naturalizei ele. Eu precisei sair do Brasil, ser confrontada de outro eixo para dizer “*what the fuck*”. Então no Brasil em uma reunião de trabalho, por exemplo, ninguém nunca me cortou, um homem nunca me cortou e na Inglaterra ninguém me chama de gostosa. Isso que nós percebemos no Guerreiras, o contexto vai variar mas o problema é sempre o mesmo. Tu tira a burca, tira o biquíni, tira o futebol de ser mais bem pago, tira o futebol de ser menos bem pago, tira o futebol ser bem popular, vai limpando, vai chegando embaixo do campo, que é esta a ideia, a raiz é a mesma, a raiz é machismo, é patriarcado sistêmico, é a mulher ser tratada como de segunda classe, o problema é sempre esse. No momento que ele vai para fora do campo, ele aparece de outras formas, então, o que tu vê vai variar, o problema está aqui ó e essa analogia do campo que a gente acha que vai ser útil no Guerreiras, porque isso tu pode aplicar para além do futebol...Porque você não poder sair com a bunda cheia de celulite no Brasil não é diferente de você não poder sair de sem burca. O problema é o mesmo, mas o que você vê é diferente: aqui você vê a bunda, lá

você vê só os olhinhos, mas o problema é o mesmo, o opressor é o mesmo, o eixo é o mesmo, só vê ele de forma diferente. Em outros países, por exemplo, o Guerreiras na Inglaterra gerou discussões intelectuais muito mais densas do que gera no Brasil, mas menos sorrisos. No Brasil gerou mais alívio, mas não fomos tão profundo no discurso intelectual. Essa é a variação de contexto. E acho que a grande beleza do Guerreiras é essa, o que nós nos demos conta nesses anos todos de pensar, colocar e queimar fosfato mesmo para chegar nessas conclusões. Teve três semanas que a gente se encontrou um dia sim, um dia não, numa sala, numa casa e a gente botou tudo na mesa até chegar e nessa linha que guia tudo. O que a gente percebeu é isso que a gente tem que chamar a atenção das pessoas, é que o que você vê não é o problema, você não está vendo o problema, a gente tá aqui para te levar pra baixo do campo para ver a raiz dessa questão. Então, o contexto, a gente se vira, porque a gente sabe que a raiz vai ser a mesma. Não sei se correspondeu as perguntas muito objetivamente, mas vocês me avisem daí.

L.A. –Me conta uma coisa: no site está constando uma série de parceiros como a Unicef e alguns outros. Qual que é a importância desses parceiros e o que eles fazem efetivamente?

J.B. – A maioria deles já fez. Não faz ainda. A gente não tem parceiros constantes e é essa mudança que a gente quer fazer em 2015. A gente quer o projeto um pouquinho mais auto-sustentável. Certo que ele tenha uma gerencia básica que faça contatos com esses parceiros, alguma grana entra e a partir dali a gente consegue fazer outros planos. Isso nunca aconteceu. Sempre foi projeto por projeto. Os parceiros que estão listados no site são, provavelmente, gente que deu dinheiro para gente de uma forma ou de outra, seja para fazer uma pesquisa, seja para fazer uma série de workshop, seja para fazer uma inserção, seja... Se está listado lá, a chance é que nos pagaram um bom dinheiro. Quando eu digo bom dinheiro, eu estou falando: nada que a gente ganhe assim, um bom dinheiro só pra operar qualquer que tenha sido a iniciativa daquele momento.

L.A. –Você falou muito da questão do kit para desdobrar isso. Você pensa em outras metas?

J.B. – Penso sim. O kit é o mais óbvio porque a gente já tem anos de experiência em entrega, então, a gente já fez cinquenta “workshops” a essa altura da vida e transformar

aquilo em um material didático é o nosso projeto menos difícil. Mas eu quero muito que a gente tenha... Isso é meu, isso é uma coisa que eu tenho que discutir bastante com a Caitlin ainda, com a Marisa, com o Mário. É a visão que eu vou sugerir lá na frente. Eu acho que a gente pode virar um site, e as páginas, e as redes sociais, isso eu estou emprestando da Casa da Mãe Joanna, por isso que é uma coisa, ideia minha. Eu quero muito que a gente vire um repositório de informação, de mulheres e esporte, de representação midiática de mulheres e esporte, ser referência. Você quer saber quais são as pesquisas, quais são os artigos, quais são os memes, quais são os... Então, falando sobre mulheres e esporte, eu gostaria muito que o Guerreiras virasse esse repositório. Certo?! E eu quero, inclusive, que esse repositório entre pra Casa da Mãe Joanna, daí que os dois projetos se juntam. Eu estou tratando como um experimento feminista de mídia coletiva, e eu quero que... O site opera como repositório, funciona nas mídias sociais, eu quero que exista um espaço específico de representação feminista. Feminismo quando é representado sempre tem um filtro no feminista. Quando ele chega no Catraca Livre, quando ele chega na Globo, quando ele chega num site que não é feminista necessariamente, ele já foi tingido de pessoas que não estão vendo essas raízes. Eu quero criar um espaço onde *toda* produção discursiva feminista no Brasil tenha uma casa. Eu sou a mãe Joanna e essa é a casa que eu fiz. Por isso que eu criei... Inclusive vai ter uma seção teórica, quando isso aqui estiver pronto... Quem tá fazendo pesquisa de gênero e feminista por aí, vai ter a seção teórica... Eu só quero criar um espaço forte de representatividade feminista, e eu quero que o Guerreiras entre como parceiro da Casa para o esporte. Então o Guerreiras vira referência de como a mídia trata mulheres e esporte, quais são as críticas, o que a gente tem que expor, quais são as possíveis soluções, quem tá fazendo pesquisa acadêmica sobre isso, quem tá fazendo ativismo sobre isso, quem tá fazendo blablabla.... O Guerreiras junta essas informações, faz sentido. Claro que com o Guerreiras a gente concentraria em futebol para manter proeza narrativa do Guerreiras, mas nossa ideia sempre foi, uma vez que o projeto estivesse maduro, abrigar outros esportes. Então a gente tem as embaixadoras do Guerreiras que hoje em dia são todas jogadoras de futebol, na minha utopia fantástica, um dia a gente vai ter... Como é o nome daquela menina, eu conheço ela pessoalmente, sou horrível com nomes, ela é paratleta de ping-pong... Eu quero mulheres, esporte, todos os tipos de esportes, com maior numero possível de eixo, de identidade e de eixos de preconceito pra serem embaixadoras do Guerreiras, só que isso é lá, bem na frente, se tudo correr bem. Num primeiro momento é a metodologia, o kit e que o Guerreiras vire um ponto de

referência para representação e didático para mulheres e esporte. As pessoas ficam tipo: “Putá, eu queria saber”, vocês estão lá fazendo pesquisa e uma colega tua vai: “Quem será que tá falando? Será que alguém fala sobre como é que as mulheres são representadas na mídia?” No site do Guerreiras tem uma biblioteca fantástica, é isso que eu quero.

L.A. – Você poderia me falar um pouco sobre a presença dos homens no Guerreiras, tanto por meio do Mário como figura central que você falou, quanto nas oficinas e em outros momentos?

J.B. – Já. De novo o Guerreiras... O Guerreiras opera em metodologia feminista, então, homem é... Que a gente considera como metodologia de inclusão e não de exclusão, então, a gente não vai excluir ninguém, ainda que sejam os homens, mas o protagonismo é das mulheres. Isso tem que ficar muito claro. E os homens que trabalharam e que trabalham com a gente no Guerreiras, são todos feministas. Mas não foi uma entrevista, do tipo: “Você não é feminista, você não pode brincar com a gente.” Não foi isso. Quem demonstrou interesse foram os homens, as mulheres não necessariamente eram feministas, elas eram mulheres que... Mas os homens que entraram, entraram por saberem da importância do feminismo. Alguns participaram: teve o Jamie, cujo sobrenome eu também não vou lembrar porque eu sou horrível, Evans; Jamie Evans¹⁵ era filho de uma professora minha, esse foi o contato que a gente fez e ele era... Tinha entrado no curso acadêmico, acadêmico. Quando a gente conheceu ele, ele estava começando o doutorado dele em filosofia e tal, e ele entrou e muitas ideias do Guerreiras surgiram de conversas com o Jamie. O Lucas¹⁶ que é meu marido, que joga futebol, não profissionalmente, mas joga futebol bem... Me lembra de contar do dia em que ele levou a Caitlin pra jogar com ele e com os meninos no... Então o Lucas já fez algumas coisas de design da gente e o Mário pega junto mesmo na operação; o Mario é o cara que faz acontecer os *workshops*, em equilíbrio com a embaixadora aqui em Porto Alegre, pega e vai pra São Paulo com a equipe que vai juntar a turma, a comunidade, um mar de pessoas. Então a nossa relação com eles é muito fácil porque eles já enxergam o que está embaixo. A gente nunca precisou convencer nenhum homem da necessidade do feminismo, a necessidade do Guerreiras para eles trabalharem com a gente, já veio, a iniciativa foi deles. E eles sempre

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Lucas Busato.

enxergaram: “O protagonismo é de vocês”. Então homens legais, homens feministas trabalham no Guerreiras. Acho que se não fosse assim, não ia se criar, acho que necessariamente expulsar alguém e tal não ia se criar.

L.A. – E mulher?

J.B. – Mulher não feminista... A palavra feminismo quase nunca é proferida no Guerreiras, mas no *workshop* jamais, em oficinas jamais, em palestras... Se eu estou dando no momento mas a Caitlin não fala, muito raro, muitas das nossas jogadoras não são; sabem que é mas ainda assim não querem se tornar feministas e ok, tudo bem. Mas os homens, independente de se declararem ou não, se eles não tiverem pego isso, não acho que vá correr muito tempo. A gente tentou, essa história é muito boa: a gente tentou ano retrasado, em 2013... A gente tentou profissionalizar, esse processo de profissionalização do Guerreiras está acontecendo faz um tempo já né, a gente tentou profissionalizar através de criar uma marca forte numa agência de publicidade. A gente foi em uma agência de publicidade, essa que eu fundei na minha cidade natal, que é ótima, eles são ótimos. Mas tem dois meninos que não são feministas. Foi incrível, eu levei o Lucas, meu marido, em uma das reuniões comigo, para ver se a presença dele iria dar uma ajuda... Então eles tentaram dar mil sugestões para gente, enquanto a gente olhava a dizia: “Não é isso”. Então a gente tem essa experiência de tentar trabalhar com caras profissionalmente, explicar o projeto inteiro e olha assim, como eu conhecia eles, sou amiga deles, me prestei; escrevi um puta relatório, sentei, fiz o *workshop*, fiz tudo, mostrei tudo pra eles.

L.A. – Eles não pegaram?

J.B. – Não pegaram aquela parte do... O Guerreiras não funcionou com eles. Então, tem certas instâncias que a gente joga pra cima e é isso. Os homens são bem-vindos, mas eles precisam entender o que estamos fazendo, se não, não vai criar atrito, mas não vai dar certo, não vai para frente.

L.A. – Deixa eu te perguntar: feminismo na verdade são feminismos, várias perspectivas, e como é que isso é vivenciado por vocês? Vocês já tiveram conflitos, pensando num grupo mais amplo, principalmente.

J.B. – *Yes, oh yes.* Conflito não, porque eu e a Caitlin somos duas pessoas completamente pacíficas. Mas uma das coisas que funciona muito bem com a gente, entre a gente, que reflete bastante no projeto é que, tanto eu quanto ela, somos muito investidas em diálogo, muito, muito. E é uma coisa que é da nossa constituição pacífica, veio de família, de casa, *I don't know*. Mas nós duas somos muito, muito investidas em diálogo. O pai da Caitlin é um pesquisador também, maravilhoso, o Daniel Fischer, ele trabalha com esquizofrenia e muito da nossa metodologia não é espelhada, mas é inspirada pela dele, e uma das premissas dele é que o paciente de esquizofrenia tem que ser tratado menos como louco, bem cotidiano, menos como louco que precisa ser confinado e mais como uma subjetividade alternativa que precisa se entender e que os outros precisam entender. Então a pesquisa dele é toda com esquizofrênicos que conversam sobre sua esquizofrenia ao invés de se medicar. Então ele é um cara “fodástico” americano, imagina fazer isso na “porra” da Harvard¹⁷; é o coração da indústria farmacêutica e o cara tá lá tentando com todas as forças que tem, que as pessoas se entendam através da comunicação. Eu venho da comunicação social, para gente, a ideia do diálogo sempre foi crucial, tanto que eu nunca tive conflito com o feminismo, feminismos, feministas porque a gente sempre parte do pressuposto de que a tua subjetividade é tua e eu não posso te dar regra a respeito de como é que tu tem que fazer certas coisas... Se a gente tem uma coisa que... E o Guerreiras faz, a gente limpa, limpa, limpa até achar o que tem em comum. O que a gente tem em comum, as mulheres e o feminismo, todo o resto, cada grupo, cada pessoa vai ter as suas particularidades e a gente vai respeitar. O que eu vou fazer?! Não posso ficar... Tanto que um monte de embaixadoras não se declara feminista. Dentro do meu entendimento de feminismo, o que elas estão fazendo é super feminista. Se elas querem falar... Acho que não tem esse apego ao rótulo ou a uma definição; a gente entende perfeitamente que o feminismo não é uma marca, não tem central feminista de localizações que vai definir os rumos daqui por diante que assim seja. Não tem, a gente nunca passou por esse conflito e é daí que vem a ideia da Casa da Mãe Joanna, por isso que eu quero que a Casa seja um lugar de várias representações feministas, porque eu acho que mulheres trans tem que ser consideradas mulheres porque quem decide o que tem que ser é a própria pessoa... Então nesse processo todo, dentro do Guerreiras, ficou com muito claro que a gente fala

¹⁷ Harvard University.

exclusivamente de gênero, no Guerreiras a gente não fala de sexualidade. Então a gente passou um trabalho, tu não tem noção da trabalhadeira, todo mundo quando fala em gênero... Conceitualmente são coisas separadas, mas no dia se misturam, não tem como dizer que não, que gênero e sexualidade não são a mesma coisa, porque são. Dentro da tua construção subjetiva, os intrincamentos de um e de outro são muito mais complexos do que a teoria pode separar, mas a gente conseguiu no Guerreiras, porque a gente entende por uma série de motivos de contextos sociais, principalmente de onde vem um monte de jogadoras, é uma total religião, um fator muito importante a sexualidade é um tabu que a gente não pode falar a respeito. Não é da minha conta, só desejo, não é da minha conta. Então a gente vai lá e fala como que isso afeta... A gente sempre dança ao redor e não fala... Todo mundo é feminista, mas a gente não fala de feminismo. Se isso é para evitar conflito, não só para evitar conflito, é porque a gente acredita no poder do diálogo, a gente acredita no poder da comunicação; até podemos estar equivocadas, para gente está funcionando até agora.

L.A. – Entendi.

J.B. O meu pai esses dias, me ligou e disse: “Mas a igreja tá falando ideologia... Me explica isso, essa ideologia que eles estão falando não é o que tu me explicou... Que chato, né? A gente acredita muito no poder da palavra, muito no poder da palavra. Não é para reimplicar o feminismo, não é pra unificar o feminismo, não é pra promover outros feminismos. Não é nada disso. É metodológico não é ideológico, mas metodológico, é tido com conversa. A minha ideologia é feminista, mas eu vou ter uma conversa contigo independente de quem tu é, eu não estou aqui para colonizar a tua mente. Vamos conversar.

L.A. – Só retomando, a escolha de não trazer a sexualidade é basicamente a questão da religião ou houve outras reflexões envolvidas?

J.B. – Houve outras reflexões envolvidas. A questão da religião é a mais fácil das pessoas responderem e é mais fácil a gente usar como resposta. Existe um elemento... A gente queria muito esse tipo de debate no Guerreiras, eu e a Caitlin, nós duas tá? Por que a gente é muito privilegiada nesse sentido? A minha sexualidade nunca foi um problema e a dela

também não; são desejos diferentes, a gente manifesta de formas diferentes e tal, mas nenhuma de nós duas nunca sofreu represália por causa disso, as outras mulheres do projeto sim. Então nessa metodologia da importância do diálogo, a gente priorizou, a gente não quis, tipo... Principalmente a Caitlin, sendo americana, branca de olhos azuis, pesquisadora de desenvolvimento em um país de terceiro mundo. Eu sendo brasileira, mas tenho mantido todas as vantagens que ela tem também... Ficou desconfortável, entende? A gente tentou colocar tudo isso na mesa e a galera fez: “Oh não.” A gente olhou uma para a outra e disse: “Não”.... É sempre nessa linha da metodologia do diálogo, a gente viu que a aquilo não desenvolveu; para as pessoas era um ponto de tensão, se é a religião, se é a mãe, se é a tia, se é a avó, se é ela que não está afim, para mim e para a Caitlin isso é nosso. Fundamentalmente o teu tesão não é da minha conta. Fundamentalmente o tesão das pessoas não é da conta de ninguém. A gente sabe que ele é político, por isso que o feminismo articula, mas articula para nunca mais precisar articular, então, a gente pulou esse ponto. Não é da nossa conta.

L.A. – Esse grupo que falou “não, não quero trabalhar com isso” foi a própria equipe do Guerreiras que...

J.B. – É, teve gente que sim, teve gente que não. Eu estou sendo um pouco evasiva porque eu não quero enquadrar ninguém, entende?! Mas foi isso, como a gente faz a metodologia do diálogo, a gente não teve uma troca objetiva “o Guerreiras vai falar sobre sexualidade” não. No momento em que eu e a Caitlin jogamos isso na conversa, a gente percebia constantemente que algumas pessoas... Então a conversa começou entre eu e ela, do tipo: “Isso aí não tá indo.” A virada de chave foi um artigo que foi escrito numa publicação online, se não me engano é brasileira, uma jornalista foi numa das oficinas e fez uma entrevista das jogadoras, e colocou uma frase: “Guerreiras é um projeto que trabalha com gênero e sexualidade.” Só isso e a mãe de uma das jogadoras que estava lá como embaixadora do dia, falou: “Não quero tu num projeto falando sobre sexualidade”. Essa foi a chave para a gente remover do discurso, a gente nunca incentivou, ou quando tentou incentivar não vingou, mas a gente também não removia. A partir desse momento a gente olhou uma para outra e falou: “Nós vamos alienar a nossa própria vida”. As pessoas tem todo o direito do mundo de manter a sua sexualidade absolutamente privada. Eu que sou assim: acredito piamente que sexualidade é política, mas isso é política, respeitar elas

aquele dia. Eu entendo que tenha gente que queira falar, que precisa falar daquilo, mas o que está em jogo é muito pesado. Então vou criar um espaço anônimo, eu vou falar de boa, porque eu estou dando a cara, eu tenho esse privilégio, sou branca sim, sou heterossexual, está tudo bem. Não posso fazer isso, nem assim aqui em casa. Então o Guerreiras já tomou essa decisão, é tenso, as pessoas querem que seja privado.

L.A. – E durante as oficinas, se esquivar de colocar isso em pauta, é uma coisa que vocês conseguem articular bem? Porque é difícil, como você disse, a coisa está aparecendo a todo momento.

J.B. – Cara, sabe que não é tanto? Isso que a gente notou. No momento em que a gente se fixa na representatividade, que é por isso que eu quero transformar o Guerreiras num repositório de conteúdo de mídia, representação de mídia... A gente percebe que quando a gente se fixa em representatividade que é o que as fotos, as imagens fazem, tem tanto assunto para debater que não chega, entende?! Então assim, a gente é um pouco flexível, se eu estou vendo um debate acadêmico, tipo aqui nessa entrevista, estamos falando sobre sexualidade. No Guerreiras não existe uma regra de controle que diga: “Não, não pode.” Mas só não é parte do pacote, não é parte óbvia do pacote. Nunca surgiu em oficina, porque a galera é muito jovem, quem atende as oficinas são meninas e meninos e eles se ocupam... São duas horas ou cinco dias, daí varia de acordo com o tipo de programa que foi feito, tem tanta atividade para fazer, porque tem a parte do jogo, a gente joga, os meninos são... A parte da metodologia física, é deixar os meninos só dando passe, as meninas são as protagonistas, para eles sentirem o corpo, o que é ser deliberadamente feito de não-protagonista. Tem uma série de artimanhas aos quais a gente utiliza que ocupa a cabeça das pessoas, além do mais, são jovens, né! Então, se eles não trazem isso à tona, e a gente não traz... O que o cara vai dizer, nunca deu trabalho. O trabalho foi no momento em que decidimos os porquês de deixar isso de fora do pacote... Hoje não fala sobre isso, mas algumas de nós estão equipadas e o que falamos para as Guerreiras que tem essa questão é a gente não falar sobre sexualidade. Elas tem todo o direito do mundo de estar fora do escopo, se ela se sente equipada para falar a respeito. Elas têm 100% de autonomia de dizer que está fora do escopo essa discussão. Então não deu conflito ainda, sabe?

L.A. – Tem alguma coisa que você queria acrescentar que ficou de fora?

J.B. – Eu não sei se vocês perceberam, mas eu fico falando até 2017. Não sei meu, o que eu posso dizer pra vocês é que a qualquer momento se vocês perceberem que tem algum buraco na história do Guerreiras, sintam-se à vontade pra mandar um e-mail, dar uma ligada. Talvez eu demore um pouco para responder, mas vou responder com certeza. Então, não me lembro de nada que seja muito excepcional que vale mencionar, mas depois deixo aberto isso assim. Se perceberem qualquer furo na narrativa...

L.A. – Joanna, nós agradecemos tua disponibilidade em conceder esta entrevista. Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]